

De um Colóquio Internacional realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1994, surge este livro. Um livro que tem a capacidade de movimentar, de ir produzindo efeitos: os textos que o integram transportam uma qualidade de pensamento tal que propicia uma sedimentação, uma espécie de matéria prima, que vai adquirindo formas no encontro cotidiano com a clínica psicanalítica e com os acontecimentos sociais e políticos de cada dia.

Vários são os autores: brasileiros, argentinos, uruguaios e franceses, assim definidos em função dos países de pertinência mas cuja identidade nacional é constituída, muitas vezes, de amálgamas com países e culturas outras, de origem próxima ou remota.

Várias são as formações: jornalistas, sociólogos, terapeutas, filósofos e psicanalistas. Psicanalistas que, por sua vez, procedem da psicologia, da psiquiatria, da filosofia e da sociologia.

A resultante: uma diversidade de pontos de partida e de abordagem, uma produtiva estrangeiridade e surpreendentes direções comuns. Estas são, em parte, feitas pelas possibilidades que os escritores não psicanalistas revelam de se banharem na teorização psicanalítica e das possibilidades dos autores psicanalistas de se reconhecerem banhados pela cultura filosófica, histórica, sociológica e literária.

Quem é o estrangeiro?

Resenha de Caterina Koltai (org.), O Estrangeiro, São Paulo, Editora Escuta, 1998, 214 p.

Algumas vezes encontramos um mesmo autor mencionado em textos de profissionais que trabalham em campos diferentes. Mas não é isto o que essencialmente vai criando as direções comuns; sabemos que frequentemente a referência às mesmas fontes bibliográficas resulta na produção de idéias divergentes ou em roupagens confusoras, tecidas em pseudo concordâncias. O que vai, no livro, configurando o universo comum é a presença de — uma posição ética — Eugène Enriquez escreve: “o estrangeiro sempre faz mal àquele que

recusa a interrogação” (p. 40). Os autores do livro não se recusam. Acolhem o estrangeiro, ao acolherem as interrogações, revelando-nos o quanto convivem com elas — e de uma posição teórica compatível — mais ou menos explicitamente, direta ou indiretamente, há a seguinte premissa: o sujeito humano é, inexoravelmente, descentrado de si mesmo, o que implica em angústias fundamentais. Um dos avatares destas angústias é a busca de se unificar em si próprio e no social — o “eu”, o “nós”, ou ainda o “entre-nós” surgem, então, enquanto uma tentadora unidade — identidade compacta. Uma unidade que exclui. Exclui os diferentes: diferentes-de-mim, diferentes-de-nós, diferentes-do-consenso do entre-nós.

Alguns autores se ocupam do “eu”; outros se inquietam a partir do “nós” e — uns e outros — desenham as pontes. Pontes delicadas, arquitetadas na plena consciência de que “a articulação do psicanalítico com o político não se dá sem tropeços” (Caterina Koltai, p. 106).

A minha trilha própria de percorrer os textos passa pelos pontos comuns que fui encontrando; deparei-me com um compartilhado que se sustenta em vivas singularidades.

A angústia presentificada

Em “Um episódio de *Unheimliche* na clínica”, Luiz Carlos Menezes nos faz viver a angústia que com ele permanece desde... Desde que um paciente morre, uma morte pressentida por ele e parece, também, pelo analista. Sonha o paciente, sonha o analista. Quem sonha? Qual o grau de proximidade que pode vir a acontecer na situação analítica? Está infiltrada a “inquietação, inquietante estranheza, aquilo que diz respeito pois à angústia que se encontra à espreita nas bordas incertas do Eu” (p. 127). Ela passa também a nos acompanhar.

A ironia de um título: “Você decide!”, onde a exclamação faz a diferença. Diferença radical com a série de televisão, na qual se torna possível, ao término, a calma tranqüila de uma decisão. Mas Emilio Rodrigué nos deixa no incômodo, com seu texto; deixa-nos com os resíduos do “tal-

vez, quem sabe, quiçá” (p. 154), ao tirar da margem deixada por Peter Gay um fragmento da história da psicanálise – as graves acusações contra Max Eitingon. O suspense se mantém, através de provas que assinalam ora para a veracidade, ora para a inviabilidade. Decida, leitor... e conviva com um barulho destes.

Peter Pál Pelbart, em um texto de pungente beleza, lança-nos na “relação com o tempo no seu excesso” (p. 139). Sacode-nos para uma temporalidade que a pós-modernidade tenta eliminar ao abolir o “tempo e sua dimensão estrangeira” (p. 139). E surge a Morte e o Morrer, nossos íntimos estrangeiros. Peter incita-nos: “cabe ao pensamento, à arte, à clínica, também cultivar esta arte do morrer que há na vida e que a abre constantemente para as dimensões inclementes, não apaziguadas, não-reconciliadas do tempo”. Enfrentar a tele-serenidade é viver, é sair do cinismo mortífero que chama para falsas eternidades e é se doar. Inevitável.

A angústia tematizada

Neuza Santos Souza, em “O estrangeiro: nossa condição”, transporta-nos, de imediato, para dentro da psicanálise, onde o estrangeiro é o eu; onde se esfacela a presunção de harmonia, onde não se desconhece “que se é sempre obrigado a fazer uma escolha” (p. 156), onde se esvai a presunção de “cassar os direitos do estrangeiro que, desde sempre, mora em nossa casa” (p. 156). Se fosse possível acolher o efêmero, o transitório, poderíamos então viver a alegria do novo, a afirmação do múltiplo e deixar de lado os racismos. Assim termina o texto de Neuza: “contra o racismo de todas as cores... que nos valha o estrangeiro – o estrangeiro de toda parte, o estrangeiro do exterior e do interior de nós mesmos” (p. 163).

Esta ponte erigida a partir da psicanálise é também percorrida por Caterina Koltai. Koltai, retomando Freud em *Mal-estar na civilização*, trabalha com a questão da identificação. Não há a possibilidade de amor entre irmãos sem rejeição do estrangeiro: “Eis o limite do amor do próximo como si mesmo” (p. 107). É segregativo, porque fundado na identificação. A autora traz a segregação para o cerne do processo analítico, apostando na viagem que se pode empreender na estranheza de si próprio: “poderemos, quem sabe, modificar em profundidade nossa relação singular com o outro e abandonar a eterna procura de um bode expiatório” (p. 111).

Por outro lado, em “Teórico na psicanálise” Maria Cristina Rios Magalhães nos alerta para o quanto, enquanto psicanalistas, não estamos longe dos riscos de repetir obsessivamente os mesmos circuitos, “repassando a defesa em seu movimento – contra a transferência, contra o pulsional e a sexualidade” (p. 116). Alerta-nos que a teorização na psicanálise implica na inclusão permanente do estranhamento, do *infans* e do infantil, do estrangeiro que “estando sempre à parte, tem à sua disposição, na sua própria língua, toda a memória do originário” (p. 117). Ler e escutar e produzir na pulsação anassêmico-polissêmico – eis o nosso ofício.

A angústia na constituição da alteridade

Luiz Cláudio Figueiredo expõe, em seu texto, a sua concepção de alteridade contrapondo-a à de Jean Laplanche. Figueiredo propõe a idéia de uma alteridade processual – a que acontece no próprio processo no qual se constitui o *si próprio*. Desenvolve com rigor e precisão os pontos de con-

vergência e de divergência com a conceitualização de referencial (Laplanche) e assim vai tecendo a tese que sustenta ao final: “não é a alteridade do outro que surpreende e eventualmente assusta, mas a surpresa diante de *alguém-que-sendo-parte-do-mesmo é outro*, o que constitui o outro na sua alteridade e estrangeirice” (p. 74). A surpresa pelo que provém do que parecia familiar. Um rasgo, frente ao qual se pode ter várias reações sendo a mais difícil delas a de não obturar, de hospedar o estrangeiro em um espaço potencial, refazendo-se constantemente. É uma experiência que traz incomodidades, mas é nela que podem se instaurar os “lugares do pensar”.

E o xenófobo sorri em um sorriso constringido quando reconhecemos, como Radmila Zygouris o faz, que “todos nós somos ou fomos, um pouco, muito, apaixonadamente xenófobos” (p. 193). Fundamentando-se em Lacan na questão da angústia e da agressividade, Radmila vai enlaçando-as com a pulsão e com a identificação. Em seu trajeto encontra-se com Peter Pál Pelbart ao tematizar a angústia relacionada com o tempo: “não temos nenhum controle sobre o tempo...” (p. 202) e o objeto novo, gerador do medo, pode surgir também do tempo (e não apenas do espaço). A

autora passa da xenofobia infantil ao “trágico social do racismo ativo” (p. 203); o pensar na formação do Eu abre passagem para pensar os “discursos da execração”, que se inserem no lugar em que fracassam os projetos de vida que unem o singular e o social. O discurso de execração torna-se, então, projeto coletivo mascarando “o vazio do projeto subjetivo” (p. 204). E, de forma “mais alegre” a autora conclui com a xenofilia, através de um breve mas muito significativo relato da clínica. Radmila transmite-nos através do desenvolvimento do seu escrito o que afirma de início – “a figura do estrangeiro situa-se na fronteira do subjetivo, do singular, com o social, a pólis” (p. 193).

Fernando Ulloa fala-nos, em seu texto, da estrangeirice primitiva que encontra “sua referência mais imediata na prematuração do filhote humano” (p. 166). O recém-nascido, desvalido, terá que elaborar su-

cessivos abrigos que o protejam e o definam em sua especificidade de sujeito. Ulloa propõe três momentos no trajeto da construção da subjetividade, sendo o último deles “a travessia do deserto” (p. 167), que implica na inscrição do estrangeiro no “núcleo mesmo da intimidade” (p. 167). O autor vai deslizando até as fronteiras com a ordem social, na qual se joga a luta entre civilização e barbárie e termina, olhando sob um ângulo inovador, as “amizades estrangeiras” (p. 171), evocadas a partir da distância dada pelo eixo civilização-barbárie com o seu oposto: o próximo, o íntimo.

A angústia: a denúncia do refúgio no unitário

José Arbex Jr., escrevendo sobre a construção do estrangeiro pela mídia, utiliza, exemplarmente, o tratamento dado pela imprensa à guerra civil na Iugoslávia. Há muito a aprender aqui, nestes subsolos da notícia, onde se fabricam adjetivações que criam e mantêm os “bons” e os “maus”, as lógicas dicotômicas e maniqueístas. A força da mídia, por sua vez, se sustenta nas condições específicas dadas pelas crises de referência; não sabendo mais qual é o meu lugar “compartilho com outros a noção e a imagem de tudo aquilo

que *não sou*” (p. 17). Em vez de problematizar a questão *quem sou?*, os meios de comunicação vão dando uma forma palpável àquilo que não sou – “a forma do negro para o branco sul-africano, a do dissidente para o comunista” (p. 17). E a do baiano para o paulista..... Está dito. E bem dito.

Em “Estrangeiras imagens”, Edgard de Assis Carvalho leva-nos a uma bela viagem por viagens literárias ao longo de séculos: as da *Ilíada* e *Odisséia*, as das *Cartas Persas* e as de Artaud. Com tão bom guia, pode-se ver o não visível no qual Edgard vai traçando uma linha: a que evita a excessiva relativização dos fatos culturais, evitando também as hegemonias e que conduza a uma “arqueologia antropológica” (p. 27), que possa ser uma espécie de bricolagem instaurativa capaz de recriar o *outro* e o *mesmo*. Assis Carvalho é dos que subscrevem a esperança de que um estranho estrangeiro traga uma reorganização para a vida “na qual todos seremos simultaneamente estrangeiros e nativos, selvagens e domesticados” (p. 36).

Em julho de 1938 aparece em um jornal italiano um documento que institui uma pura “raça italiana” (p. 85). Partindo deste, Jacques Hassoun, em seu escrito “O estrangeiro: um homem distinto” ressalta a pressão que existe para impor o *Um* único para todos e para se dar a designação de *estrangeiro* para o que se considera destituído de alteridade. É a ruína dos vínculos “quando o culto do *Um* arrasta tudo em sua passagem, o sujeito despoja-se do que constitui sua subjetividade – a alteridade – para fundir-se com deleite na multidão” (p. 87). Entre outros “textos de exclusão”, Hassoun traz um, especialmente impactante, o de Chamberlain, autor racista inglês: “as crianças pequenas, especialmente as menininhas, muitas vezes dão mostra de um instinto infalível para reconhecer os judeus” (p. 92). Estes textos de exclusão aproximam-se dos discursos de execração (Radmila Zygouris) e na medida em que “o xenófobo é apaixonado pela taxinomia, sempre pronto a exaurir-se para inventar um sistema complexo de classificação e listas” (p. 96), a proximidade está feita com o uso dos adjetivos na mídia, tal como José Arbex argumenta observa. Há uma pergunta que ressoa, de forma desconcertante, no texto de Hassoun: “quem é o estrangeiro?”.

Marcelo Viñar, desde o título de seu escrito, nos coloca face a face com o ódio – o ódio ao estrangeiro – e dá o primeiro e fundamental passo ao colocar que precisamos admitir o problema: “o próximo, o meu semelhante, coloca-me desafios para os quais não tenho resposta clara, mas sim hesitações contraditórias” (p. 175). Escamotear não leva a nada. O caminho é reconhecer: reconhecer no outro o seu aspecto fóbigeno. A questão passa a ser de como excluir sem desvalorizar e odiar. Viñar encontra-se com Hassoun ao falar da “paixão taxonomista” (p. 182) e transita entre a psicanálise e uma pluralidade de disciplinas para poder “apenas esboçar a colocação” (p. 177) do problema. Não é apenas. O autor faz avançar, interrogando as identidades nacionais na atualidade, com as pressões migratórias e com o incremento das diferenças econômicas, para postular que não se poderia buscar uma “semiologia descritiva e funcional que ultrapasse a tomada de posição de uma ética” (p. 185). Desta faz parte a proposta de renomear a chamada identidade nacional, chamando-a de “memória coletiva” (p. 190), evitando o risco de “elementos estáveis”. “Prefiro, como psicanalista, situar a reflexão não tanto na identificação de traços claros, mas nos confins em que claridade e enigma caminham lado a lado” (p. 187). E aqui uma indicação: que tal uma aproximação com as “bordas incertas do Eu”, do texto de Luiz Carlos Menezes?

“Hoje somos todos judeus”, é a declaração do presidente da Argentina, quando do atentado contra o centro cultural judaico de Buenos Aires. E Ricardo Goldenberg, em seu texto, faz dela emergir um pressuposto que convulsiona o seu aspecto aparentemente solidário: há, então, judeus de um lado e, de outro, argentinos. Está posta a miragem criada pela própria segregação pois ninguém pode, a não ser nela, ser realmente estrangeiro. “A condição estrangeira consiste em permanecer na coletividade sem

recalcar o mesmo significante” (p. 79). E neste sentido e por mais que pareça paradoxal “eu diria que o único bem inalienável de um grupo é o seu ‘gringo’”. “Gringo” naquilo que ele porta, naquilo em que ele pode, enfim “parar de esperar do Outro e passar a ser, para si mesmo, um pouquinho Outro” (p. 81). E um belo fecho: estrangeiros não fazem Uno.

Eugène Enriquez aborda também o judeu, tomando-o como figura paradigmática do estrangeiro. Abre seu texto assim: “o laço social se apresenta, desde o início, como um laço trágico” (p. 37), na medida em que o outro, sem o qual não existimos, é “sempre suspeito, geralmente com razão, de querer nos invadir” (p. 37). Fazendo um rico percurso que passa pelo imaginário anti-semita ocidental e chega ao nascimento do Estado de Israel, Enriquez vai pensando os judeus como sendo aqueles que “introduzem o fluxo onde se quer a solidez, provocam desvios... em um universo sedentário, em que todo movimento fica suspeito” (p. 49). Em suma, rompem com a fantasia de uma unidade-identidade (Blanchot). Então, não importa o que faça, ele é culpado “pois

lembra a cada um que deve levar em conta o estrangeiro, que sempre é um fator de preocupação e desordem” (p. 58). É exatamente isto o que faz com que o autor o tome como figura paradigmática da alteridade e do estrangeiro, o ser que fascina e que se quer destruir. Não será também paradigmática a afirmação de Hitler, “a emancipação feminina é uma invenção judia” (p. 58)? Paradigmática de um pensamento que impõe o Um, a manutenção de tudo nos seus mesmos e, assim considerados, devidos lugares.

O livro *O Estrangeiro* tem a feliz capacidade de fazer o oposto – incomoda, convoca, tumultua, produz um espaço de estrangeiridade. É disto que precisamos.

Janete Frochtengarten é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.